O VALOR DO PRODUTOR DE CANA NO RENOVABIO

DENIS ARROYO ALVES*

Junto da criação do RenovaBio, foi instituído o crédito de descarbonização (CBio), título que representa uma determinada quantidade de carbono cuja emissão foi evitada no processo de produção de etanol. Em 2020, as vendas de CBios movimentaram R$ 650 milhões. Defende-se que esses créditos gerados com a venda de CBios remunerem os produtores que fornecem a cana-de-açúcar para as usinas e que, na região Centro-Sul, são responsáveis por um terço da cana processada.

O RENOVABIO é uma política do Estado criada com o objetivo de promover a expansão, a valorização da produção e o uso de biocombustíveis para contribuir com a redução de emissões de gases do efeito estufa (GEE). Além disso, visa promover a segurança energética, melhorar a qualidade de ar em grandes cidades, incentivar tecnologias e inovações no campo e aumentar a geração de empregos e renda.

Um dos instrumentos dessa política é o CBio, que equivale a 1 tonelada de carbono de emissão evitada e é emitido por produtores de biocombustíveis voluntariamente certificados, com base na nota de eficiência energético-ambiental e no volume de biocombustíveis comercializado no País.

No Centro-Sul, os produtores de cana-de-açúcar fornecem um terço de toda a cana processada nas indústrias, o que representa 200 milhões de toneladas de cana por safra. No ano passado, as vendas de CBios movimentaram R$ 650 milhões.

Esse programa tem sido amplamente divulgado e valorizado por toda a sociedade. Porém, dentro da cadeia produtiva sucroenergética, enfrentamos, hoje, uma disputa para levar esse pagamento até o produtor. Afinal, não pode haver um programa de biocombustíveis em que o "bio" (cana-de-açúcar) fique fora da remuneração ou, em outras palavras, não se pode valorizar um programa de energia renovável sem que a parte que se renova no campo tenha o seu justo pagamento.

O Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Etanol do Estado de São Paulo (CONSECANA-SP), composto da Organização de Associações de Produtores de Cana do Brasil (ORPLANA) e da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA), definiu, em março de 2019, que, independentemente da lei que seria aprovada sobre o RenovaBio, os produtores receberiam por sua contribuição. A participação sobre os CBios gerados pela cana seria posteriormente discutida com base em trabalhos técnicos que levassem ao entendimento entre as partes.

Nesse período, a ORPLANA contratou o Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (PECEGE/Esalq/USP) para avaliar a sua justa participação no programa e entendeu que, deduzindo-se impostos e custos de certificação, os produtores têm direito a 100% dos créditos gerados sobre a cana por eles cultivada. As unidades industriais, conforme apresentado no trabalho, já têm um benefício direto somente com a entrada dos produtores no programa.

A UNICA não aceitou essa proposta e colocou que as suas unidades irão pagar 60% do CBio gerado na cana para o produtor primário (que demanda uma certificação diferenciada para comprovar uma melhor eficiência energética) e 50% para o produtor padrão. Ou seja, as unidades industriais ficarão com 40% a 50% do CBio.

A ORPLANA não aceitou a proposta, pois não foi apresentado, conforme definido no próprio CONSECANA-SP, nenhum trabalho técnico que embase esses números. E, assim, chegamos a um impasse que perdura até o momento – ruim para todos.

Em outras frentes, a ORPLANA tem buscado demonstrar ao Ministério de Minas e Energia (MME), juntamente a outras instituições que representam produtores de biomassa, que o pagamento ao produtor agrícola precisa ocorrer e de maneira justa. Apresentamos os nossos trabalhos e argumentos e, agora, esperamos que os avaliem tecnicamente e auxiliem na obtenção de uma melhor solução para todos.

Além disso, tramita na Câmara dos Deputados um Projeto de Lei (PL) que trata de uma correção importante

do RenovaBio, demandando que os produtores de biomassa também participem dos resultados econômicos do programa. É preciso agregar valor à biomassa produzida no nosso País. Com certeza, esse programa será um primeiro e importante passo na valorização da descarbonização que a cana-de-açúcar realiza a campo. Temos tratado do tema carbono com diversas empresas e entidades não somente do agronegócio. Há um interesse crescente sobre o assunto e como valorizá-lo em prol da sociedade como um todo.

Afinal, o Brasil é uma potência agroclimática, e o reconhecimento e a valorização da contribuição agrícola para o sequestro de carbono levarão a saltos ainda maiores nesse caminho, via: investimentos por parte dos agricultores em novas tecnologias; ferramentas de mensuração para controle dessa descarbonização; e boas práticas de cultivo, como a rotação de culturas, o uso racional de recursos e o crescente mercado de bioprodutos.

Recentemente, a ORPLANA participou de um estudo mundial realizado pela Bonsucro e pela Solidaridad sobre os Pagamentos por Serviços Ambientais (PSA) no contexto da produção de cana-de-açúcar no País. O objetivo era entender o conceito de PSA mundialmente, identificar como este poderia ser implantado no Brasil por meio de um debate entre diversos *players* no mundo e mapear possibilidades de ganhos reais aos produtores.

Um dos pontos que mais nos motivou nesse trabalho foi identificar de maneira robusta, nas entrevistas junto aos *players*, que os produtores de cana são reconhecidos como essencialmente provedores de diversos serviços ambientais e devem ser elegíveis a esses programas.

Portanto, ocorrendo a justa remuneração paga pelas unidades industriais aos CBios gerados pelos produtores, teremos um moderno modelo de economia colaborativa alicerçada em sustentabilidade na cadeia sucroenergética – um espetáculo a ser apresentado mundialmente.

Mas, infelizmente, na questão do RenovaBio, estamos em um ponto de desequilíbrio entre as relações. Não há no campo, hoje, a confiança de que existe uma real ideia de parceria ou mesmo um sentimento de *fair trade*. Talvez, o enfoque precise ser outro: pensar menos em quanto custa e mais em quanto vale verdadeiramente essa relação produtor/usina. Quanto vale o produtor de cana no RenovaBio?

É evidente que sempre houve divergências entre produtores e grupos industriais, mas sempre com foco no bem comum e na longevidade da cadeia. Precisamos voltar a construir mais pontes e menos muros. O momento é agora. ■

* Diretor executivo da ORPLANA

SHUTTERSTOCK

